

*grandeza e o amem com o carinho que lhe possam doar.*

*Nossos livros<sup>3</sup> serão ilustrados com a beleza do arco-íris, porque a tinta do sol será usada por nós em sinal de respeito a Deus.*

*Aguardarei, com ânsia e serenidade, na paz da fé e na aflição do amor, o tempo em que Deus me restitua ao vosso carinho e à vossa proteção para sempre.*

*Em seu amado coração, receba o rio dos beijos de meu carinho e reconhecimento, com a alma toda sua sempre e cada vez mais sua.*

Castro

3 – Provável referência a este livro e a futuros que talvez sejam escritos. Material espiritual para o desafio não falta.

## O PENEDO DA SAUDADE

### Reencontro de D. Pedro com Inês na Vida Espiritual

Durante toda a elaboração do livro, meditei bastante sobre a história de dor, saudade e renúncia que envolveu o luminoso espírito de Inês de Castro.

E para a conclusão dessa tarefa a mim delegada pelo querido Chico, busquei mergulhar de corpo e alma no drama medieval, até para compreender melhor as razões de tão insólito sofrimento.

Viajei, assim, desprendendo-me do envoltório físico, nas asas livres da imaginação, até Coimbra, aportando inicialmente no Penedo da Saudade, assim denominado, segundo a lenda, por D. Pedro, que, rezam também as tradições, ali se refugiava para chorar a morte de Inês.

Do Penedo busquei sentir de perto os mistérios da cidade.

Era noite no hemisfério boreal, e as claridades do céu português, recamado de estrelas, convidavam à meditação.

Extasiado, contemplei o grande triângulo de verão, formado por Vega, Altair e Deneb, estrelas alfa de Lira, Águia e Cisne.

Insinuava-se, também, no céu, com seu inconfundível traçado, Escorpião, constelação familiar aos brasileiros, ostentando, incrustada em seu coração, Antares, a vetusta estrela vermelha.

No horizonte norte, destacava-se a magnitude de Capela no contorno pentagonal de Auriga. E, ainda pelas bandas do norte, surgia imponente a Estrela Polar, que guiou os navegantes lusitanos aos tempos das conquistas marítimas.

Desviando o olhar do espaço sideral, contemplei as águas mansas do Mondego e o choupal baloiçado pelo vento.

E, à margem esquerda do rio, lado oposto ao núcleo histórico da cidade, com o casario se esparramando pela colina, divisei, enfim, envolvida em mistérios indecifráveis, a Quinta das Lágrimas — com a Fonte a jorrar água de matiz avermelhado — e o Paço de

Santa Clara, habitação real, em cujo pátio Inês pereceu.

Suponho ter chegado ao local onde a jovem fora decapitada pela lâmina afiada do infeliz Brás, humilde serviçal do reino, e penso ter visto, naqueles mágicos momentos, a piedosa freira do convento, discípula de João de Deus, recompondo o corpo da mulher, arrancada ao convívio dos filhos tão pequeninos.

E, envolvido pela beleza lúgubre do ambiente em que as crianças atônitas se agarravam à bondosa Ana, lembrei das palavras que o Chico mediunizado escreveu:

*E somente quando viu D. Pedro render-se ao amor materno, em Marco de Canaveses, sob a proteção e inspiração da grande Isabel, é que Inês, consciente de sua própria desencarnação, caiu também vencida pela humildade de Isabel, concordando em retirar-se da presença de D. Pedro, para que ele seguisse em seus novos empreendimentos, acolhendo-se nos braços maternos da rainha santa, saindo da paisagem portuguesa, orando e soluçando...*



Pedro faleceu em Estremoz.

Imediatamente após sua morte física, conforme relato espiritual, nos estertores da madrugada de 18 de janeiro de 1367, acamado, foi transportado por Benfeitores até o pátio do Paço de Santa Clara, em Coimbra, local que muito amava: lá vivera com Inês e as crianças.

Preciso relatar ao leitor algo inédito que aconteceu comigo ali no Paço de Santa Clara, durante a minha inesquecível viagem a Coimbra, que se iniciara no Penedo e que, no princípio deste capítulo, descrevo com detalhes.

Meus olhos contemplavam fixos, imantados, a Fonte das Lágrimas, poeticamente considerada o local do suplício de Inês.

As horas passavam sem que me apercebesse de que o tempo fluía e, perplexo, fui envolvido pelas primeiras claridades da manhã. Embora vacilantes, os raios de sol ousavam passar pela ramaria das árvores, clareando o pátio do antigo palácio real.

Uma força misteriosa que jamais sentira fixou-me o olhar no ponto onde, a 7 de janeiro de 1355, Inês fora decapitada. Seis séculos e meio antes!

Uma voz falou carinhosamente, como que sussurrando em meu ouvido: veja, veja...

Afirmo, caro leitor, que foi a mais impressionante cena que presenciei em toda a minha existência de mais de seis décadas. Tudo se passou como se eu tivera efetivamente sido transportado aos tempos medievais.

Acomodado naquele espaço do pátio, em um leito simples e muito alvo, dorme profundamente um homem de semblante cansado. Barbas brancas descuidadas, rosto lívido, lembra os enfermos que, exaustos, desistem de lutar pela vida; entregando-se a pouco e pouco aos braços da morte.

Transcorridos alguns minutos que me pareceram uma eternidade, o homem muito abatido abre os olhos, contempla vagamente o ambiente e enfim fixa o olhar à sua esquerda, qual identificando alguém a seu lado e, visivelmente emocionado, perplexo, grita:

— Inês, Inês, tu voltaste?

E fala com dificuldade algumas palavras:

— Quanto tempo eu te esperei. Tu morreste, como estás aqui ao meu lado?



Estás tão bela, teus cabelos voltaram a ser louros e longos, e teu colo irradia a mesma beleza de antes. Meu Deus, não foi assim que te vi, quando teu corpo foi recomposto para que pudesse levar-te a Alcobaça!

Não consegue continuar. Seus olhos parecem fitar um mundo que não mais existe, destruído que foi há vinte e dois anos...

Vendo que Pedro chora convulsivamente, com as lágrimas lhe escorrendo pelo rosto sofrido, Inês pondera:

— Calma, Pedro, eu estou aqui, eu voltei para não mais nos separarmos. Não chores mais.

— Como, retrucou Pedro? Voltaste para mim? E o machado que te decepou a vida? Foi tudo um sonho? Ajuda-me, Inês, estou confuso, minha cabeça gira, e não compreendo nada.

Levando-lhe carinhosamente uma chávena à boca, a esposa lhe diz:

— Pedro, estás muito cansado, toma um pouco desta água, por favor.

Pedro sorveu alguns goles com dificuldade e acalmando-se pôde ouvir as palavras da querida companheira:

— Teus sofrimentos cessaram, Pedro. Nosso Senhor Jesus Cristo permitiu-me vir buscar-te.

— Como assim, Inês, estou ficando louco? Tu não foste para o Céu, junto dos anjos e de minha avó?

— Não, alma querida de minha vida. Nós não morremos. Apenas deixamos o corpo cansado na Terra e partimos para outra vida. Não te surpreendas, pois tua santa avó sempre pensou assim. Acalma-te, por favor, pois preciso falar-te.

Esquece os conceitos tradicionais de Céu e Inferno, destes nossos tempos. A realidade é outra, Pedro. Depois, explico-te com mais calma.

— Não compreendo, Inês. O raciocínio foge-me, sinto-me atordado...

— Ouve, pelo amor que me dedicas...

A presença de Inês e o efeito do bálsamo foram acalmando o rei, não obstante as lágrimas insistissem em cair-lhe dos olhos, penetrando-lhe a barba hirsuta. E Inês continuou:

— Acabas de deixar o mundo para viver comigo em outras paragens, onde as Leis



Divinas prevalecem sobre o ódio. Vem comigo, Pedro, esquece o corpo enfermo, gasto e torturado pelas lembranças de nossos tempos felizes.

Pedro não conseguia contestar as palavras de Inês, pois suave sonolência o envolvia. Mas conseguiu dizer:

Onde estão os nossos filhos, Inês? Preocupo-me muito com eles. Fernando e João seguiram seus caminhos. Mas o nosso João e o Dinis, ainda adolescentes, e Beatriz, tão criança... já ficaram sem tua presença e agora...

Inês interveio.

— Calma, meu rei e senhor, nós lhe demos muito amor e nada lhes faltará. Ao transformar-me em rainha depois de morta, deste-lhes as condições para que crescessem como nobres, amparados pela Corte. E muito mais do que tudo, tu os amaste profundamente.

— Mas tão pequenos, como podem viver sem mim, já que tu não pudeste educá-los e amá-los como sempre sonhamos?

Fiz, Inês, o que pude. Transformei-te em Rainha, como és a Rainha de meu coração. Cuidei deles como se tu estivesse presente, mas, agora, imobilizado como estou, sem poder

sequer movimentar-me no leito em que me encontro, como serão para os queridos filhos as noites longas, sem nossa presença?

— Estaremos sempre com eles, pois Deus está conosco. Agora descança, Pedro, precisas recuperar as energias tão desgastadas.

E o ambiente começou a asserenar-se. Pedro, quase que dormindo, divisou, envolta em singular luminosidade, a avó querida, que, flutuando no espaço, acercou-se dele e lhe impôs a mão sobre a cabeça, dizendo:

— Dorme, meu neto querido...

Ao lado da rainha santa, estavam Beatriz, mãe do atribulado monarca, rainha boa e sincera cujas virtudes a história não destacou. E um pouco mais afastado, Pedro ainda contemplou a figura imponente do pai, D. Afonso IV.

O bravo rei trazia, em seu olhar, um misto de ternura e melancolia. Emocionado, pôde dizer:

— Meu filho, meu filho...

Pedro, amparado por Inês e pela avó, foi recolhido ao Plano Espiritual.

A manhã já se afirmara no Paço Real, aquecida pelos raios de sol, deixando para trás a

fria madrugada de inverno. Os movimentos da vida se faziam lentamente presentes.

Pássaros se desgarravam das árvores, mergulhando no céu límpido, em graciosas arremetidas. Ouviam-se vozes de transeuntes, ainda poucos, e algumas vergôntes, raras em verdade, mas ousadas, já se arriscavam a desabrochar nos ramos secos do arvoredo, insistindo em prenunciar a ainda distante primavera...

São Bernardo do Campo,  
junho a agosto de 2006

## ALFABETO DE ESTRELAS

*Roguei à fonte que me desse  
Algum desses poemas imortais,  
Mas a fonte me disse que podia  
Afastar-me da sede e nada mais.*

*Pedi à brisa me envolvesse o anseio  
Nesse poema assim profundo,  
E a brisa respondeu, alígera e singela,  
Que Deus unicamente dera a ela  
O poder de acalmar o calor do verão,  
Quando o verão quisesse incendiar o mundo.*

*Então sob a fadiga da procura  
Na longa caminhada  
Dormi na própria estrada  
E cheguei a sonhar  
Que vinhas do mais Alto,  
De longe, muito longe,  
Da imensidão celeste.*

*E me trouxeste, oh! Soberano Amado,  
O excelso poema inexplicado.  
Nada disseste pelo verbo humano,  
Mas me entregaste, amado soberano,  
O poema divino em versos dos mais sábios,  
Na esplendente nudez dos próprios lábios.*